

A U T I S T A S

E OS ESPAÇOS

ESCOLARES

ADAPTADOS

Conselho Editorial Educação Nacional

Prof. Dr. Afrânio Mendes Catani – USP
Prof. Dra. Anita Helena Schlesener – UFPR/UTP
Profa. Dra. Elisabete Monteiro de Aguiar Pereira – Unicamp
Prof. Dr. João dos Reis da Silva Junior – UFSCar
Prof. Dr. José Camilo dos Santos Filho – Unicamp
Prof. Dr. Lindomar Boneti – PUC / PR
Prof. Dr. Lucidio Bianchetti – UFSC
Profa. Dra. Dirce Djanira Pacheco Zan – Unicamp
Profa. Dra. Maria de Lourdes Pinto de Almeida – Unoesc/Unicamp
Profa. Dra. Maria Eugenia Montes Castanho – PUC / Campinas
Profa. Dra. Maria Helena Salgado Bagnato – Unicamp
Profa. Dra. Margarita Victoria Rodríguez – UFMS
Profa. Dra. Marilane Wolf Paim – UFFS
Profa. Dra. Maria do Amparo Borges Ferro – UFPI
Prof. Dr. Renato Dagnino – Unicamp
Prof. Dr. Sidney Reinaldo da Silva – UTP / IFPR
Profa. Dra. Vera Jacob – UFPA

Conselho Editorial Educação Internacional

Prof. Dr. Adrian Ascolani – Universidad Nacional do Rosário
Prof. Dr. Antonio Bolívar – Facultad de Ciencias de la Educación/Granada
Prof. Dr. Antonio Cachapuz – Universidade de Aveiro
Prof. Dr. Antonio Teodoro – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Profa. Dra. Maria del Carmen L. López – Facultad de Ciencias de la Educación/Granada
Profa. Dra. Fatima Antunes – Universidade do Minho
Profa. Dra. María Rosa Misuraca – Universidad Nacional de Luján
Profa. Dra. Silvina Larripa – Universidad Nacional de La Plata
Profa. Dra. Silvina Gvirtz – Universidad Nacional de La Plata

ANA FLÁVIA TEODORO M. OLIVEIRA

AUTISTAS

E OS ESPAÇOS

ESCOLARES

ADAPTADOS

MERCADO[®]
LETRAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Oliveira, Ana Flávia Teodoro M.

Autistas e os espaços escolares adaptados / Ana Flávia Teodoro M. Oliveira. – 1. ed. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2020.

ISBN 978-65-86089-21-9

1. Autismo 2. Crianças autistas - Educação 3. Educação especial 4. Educação inclusiva 5. Inclusão escolar 6. Pedagogia 7. Psicologia experimental I. Título.

21-59948

CDD-150.724

Índices para catálogo sistemático:

1. Experiências sensoriais no autismo :
 Psicologia experimental 150.724

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide

preparação dos originais: Mercado de Letras

revisão final da autora

bibliotecária: Maria Alice Ferreira – CRB-8/7964

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

2 0 2 1

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

Dedicatória

*Ao meu querido pai, Nicanor Teodoro (in memoriam),
Neste difícil momento de despedida, às vésperas desta publicação – a
realização de um sonho por nós partilhado, dedico este livro ao senhor,
que foi jornalista, escritor e poeta. Obrigada pelo exemplo de honestidade
e por ter sido meu mestre na descoberta dos livros e do prazer pela arte
da escrita.*

*A todas as crianças e jovens autistas que precisam com urgência de
espaços escolares pensados e adaptados de acordo com suas necessidades.
Estudantes autistas que ao longo dos anos foram negligenciados em seu
direito de ser e estar no ambiente escolar em condições de igualdade em
relação aos demais colegas.*

Agradecimentos

A Deus, por ser uma presença constante em minha vida, inspirando-me a escrever este livro com o desejo de tornar melhor a existência das pessoas autistas nos espaços escolares.

Ao meu marido, Lincoln, presença tão importante ao longo desses vinte e quatro anos de casados, pelas suas palavras generosas, seu estímulo, seu amparo, seus abraços acolhedores – ingredientes indispensáveis para conclusão deste livro. Agradeço muito, por ter sido sempre e, incondicionalmente, aquele que acreditou e acredita nos meus projetos, nos meus sonhos e no meu trabalho. Aos meus filhos, Davi e Gabriel, presentes preciosos de Deus na minha vida, porque jamais quaisquer dos meus sonhos seriam possíveis se eu não pudesse contar com o amor e a compreensão de vocês.

Ao meu pai, Nicanor Teodoro (in memoriam), minha primeira e maior inspiração para escrever, e à minha mãe, Maria das Graças, por ter imprimido em mim a sensibilidade de olhar e considerar as necessidades do outro.

Às minhas irmãs, Tina e Flá, e ao meu irmão, Cleiton, por estarem ao meu lado incondicionalmente e por sempre acreditarem nos meus sonhos.

Às muitas mães de autistas com as quais convivo, mulheres guerreiras, lutadoras e fortes; especialmente agradeço a Rosalina Oiano, Amanda Menezes Ferro, Ana Paula Ferrari, Sandra Andrade e Alessandra Jacob, por serem inspiração para muitas mães que precisam de forças para prosseguir sua caminhada.

Ao meu amigo Maurício, por fazer da arte uma forma de expressar todas as possibilidades artísticas existentes no autismo, e ao meu amigo Tiago Florêncio de Abreu, por usar o jornalismo para fazer conhecida a causa do autismo.

Ao meu grande e caríssimo amigo autista Álvaro Oiano, por tantas vezes ter ido às minhas aulas na Universidade para partilhar sua história de vida, por ajudar os meus alunos a se aproximarem das suas experiências, desconstruindo muitos estereótipos a respeito do autismo, por ser fonte de inspiração para este livro e para vida de muitas pessoas autistas.

Aos diversos profissionais envolvidos com a causa do autismo, especialmente a Juliana Moura com o seu projeto “Parque azul”, a Kelly Cristina Tobias com os projetos na área de Musicoterapia e autismo, e Viviane Braga, Educadora Física, profissional amorosa e competente, por fazer do seu trabalho uma missão para tornar a vida das pessoas autistas mais feliz e prazerosa.

Aos meus alunos e alunas da graduação e aos meus orientandos queridos, que compartilhando os seus saberes ajudaram-me a construir os meus conhecimentos a respeito do autismo. Agradeço especialmente a querida aluna Mayana Godoy Favoretto pela ajuda preciosa na tradução de algumas imagens para esse manuscrito.

Aos profissionais que fizeram a cuidadosa e amorosa revisão dos originais deste livro – Rosângela Divina dos Santos e Adriano Dias de Andrade, pela parceria precípua desde os tempos do doutorado.

À minha amiga Maria Lúcia Gurgel da Costa, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), por ter possibilitado os meus estudos na área do autismo.

À clínica escola da Faculdade de Fonoaudiologia da UFPE, onde pude ter um contato mais próximo com crianças autistas, pelo lugar especial que ocupa na minha construção como docente. Sem dúvida, as experiências vividas nesse espaço acadêmico foram e sempre serão fonte de conhecimento para meus escritos a respeito do autismo.

Aos meus colegas queridos da Faculdade de Educação (UFG), especialmente aos meus companheiros da área de Educação Especial, Ricardo Teixeira e Edna Misseno, por tantas parcerias exitosas, carregadas de afeto, respeito e muita discussão.

À minha amiga Keila Matilda, pelo incentivo à construção desta obra durante todo o período de quarentena. Sem dúvida, sua amizade sincera tornam os meus dias melhores no espaço acadêmico, inspirando-me a continuar a jornada.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	11
<i>Carlo Schmidt</i>	
APRESENTAÇÃO	13
INTRODUÇÃO	15
Capítulo 1	
AS EXPERIÊNCIAS SENSORIAIS DOS AUTISTAS E O DESIGN ESCOLAR	19
Capítulo 2	
A CONSTRUÇÃO DE ESPAÇOS ESCOLARES INCLUSIVOS PARA ESTUDANTES AUTISTAS	43
PARA NÃO CONCLUIR	93
REFERÊNCIAS	97
Apêndice 1	
QUADRO DE REVISÃO DA LITERATURA	101

PREFÁCIO

No início da década de 1990, dois pesquisadores pioneiros no autismo, os doutores Eric Schopler e Gary Mesibov, publicam um livro sobre pessoas com autismo de alto funcionamento. No sexto capítulo desta obra, Temple Grandin narrou suas experiências do ponto de vista de uma pessoa que vive o autismo. Lembro de ter ficado muito impressionado ao ler sobre como ela descreveu o incômodo que sentia com suas roupas, relatando que precisava de três a quatro dias para se adaptar à dor e ao desconforto causado pela textura. Interessante que nessa época, os manuais diagnósticos vigentes não mencionavam quaisquer referências que permitisse associar as alterações sensoriais ao autismo. Somente duas décadas depois essa característica foi descrita como critério diagnóstico para Transtorno do Espectro Autista. Atualmente estima-se que cerca de 80% das pessoas com essa condição se depara tais dificuldades em seus ambientes.

A partir da tomada de consciência que não são apenas as dificuldades de interação social que podem interferir na aprendizagem dos alunos com autismo, mas especialmente as experiências sensoriais, tais características passam a tomar relevo ainda maior na educação inclusiva. Por outro lado, o desconhecimento destes aspectos por parte dos atores das instituições de ensino pode dificultar o processo ensino-aprendizagem e na trajetória de escolarização desses alunos. Diversas autobiografias podem confirmar esta questão, tais como os livros de Donna Williams, Temple Grandin ou Daniel Tammet, o que torna a leitura deste livro extremamente importante.

Na presente obra, a professora Dra. Ana Flávia Teodoro Oliveira se debruça sobre as experiências sensoriais no autismo pensando na construção de ambientes escolares mais inclusivos. Engana-se quem espera encontrar aqui um manual que normatiza adaptações para escolas que recebem alunos com autismo. Pelo contrário, há menos sobre “normatizações” e mais sobre uma forma diferente e interessante de percebermos o mundo à nossa volta a partir do olhar das pessoas com autismo.

Para refletir sobre as experiências sensoriais das pessoas com autismo, Ana convida seus leitores a conhecer quem narra estas

experiências de um ponto de vista interno, pessoal, vivencial e complexo. Nos apresenta com a perspectiva da professora inglesa Olga Bogdashina, cujos estudos sobre os tipos de experiências sensoriais no autismo o narram a partir do discurso das próprias pessoas com esta condição. Tal escolha não se justifica por pouco, já que a Dra. Bogdashina possui uma filha com autismo e um filho com síndrome de asperger, o que a coloca de forma pessoal e cotidiana em contato com o tema. O esclarecimento sobre estes tipos específicos de processamento sensorial nos conduz a uma perspectiva de ordem mais prática, calcada nos estudos de Magda Mostafa sobre como a arquitetura pode contribuir para ambientes mais inclusivos, considerando as especificidades da percepção sensorial das pessoas com autismo. Com isso, o segundo e último capítulo resgata as perspectivas anteriores e propõe um diálogo destas com as narrativas de autistas que escreveram suas experiências em autobiografias. Recheadas com trechos compreensivos, retirados dos livros autobiográficos, as propostas sobre ambientes mais acolhedores levam o leitor a se solidarizar com a importância de adaptações nos espaços escolares que minimizem o isolamento de quem sofre por ser diferente.

O livro integra teorias multidisciplinares sobre o fenômeno da percepção no autismo tendo como nó central a narrativa pessoal de quem vivencia estas experiências em seu dia a dia. Este formato de escrita consegue transformar um tema tão complexo como a sensorialidade do autismo em uma leitura que toca a pessoa que lê, sensibilizando o leitor para valorizarmos a importância dessa questão na educação brasileira. Desse modo, a obra pode ser facilmente acessada tanto por pais, educadores, profissionais de saúde, arquitetos e interessados tanto quanto por pesquisadores e acadêmicos em geral.

Desejo de uma ótima leitura nesta aventura sensorial no mundo do autismo!

Carlo Schmidt

APRESENTAÇÃO

A questão das diferenças sempre mobilizou minhas escolhas acadêmicas e profissionais. O envolvimento com a problemática da Educação Inclusiva permeou todo o meu processo de formação e delineou, também, meus primeiros passos no campo da pesquisa.

A preocupação com a formação de professores também deu tônica a todo esse processo, pois, em minha atuação docente, nos cursos de graduação em Pedagogia e de Especialização em Educação Especial, ministrando disciplinas relacionadas com a Educação Inclusiva, pude perceber, por meio dos diálogos estabelecidos em sala de aula, enorme dificuldade e resistência de graduandos e professores do Ensino Básico para ensinar estudantes que compõem o público-alvo da educação especial, notadamente os autistas.

Por certo, penso que a atitude de resistência dos graduandos e de muitos professores que já se encontram em sala de aula se deve, especialmente, ao desconhecimento em relação ao autismo, sobretudo, porque muitos desses estudantes e profissionais jamais tiveram experiência com esse grupo de alunos. Partindo dessa premissa, entendo que só será possível aos diferentes atores das instituições de ensino compreender qual é a escola que os autistas necessitam e desejam se for assegurado o direito de voz a esse grupo minoritário e em situação de desvantagem.

Nesse contexto, o livro considera que o ambiente físico da escola e da sala de aula pode constituir-se numa ferramenta importante no processo de ensino-aprendizagem dos estudantes autistas. Outrossim, é justamente em razão dessa constatação que apresentamos um apanhado de pesquisas nacionais e internacionais sobre como o *design* escolar pode atender às necessidades e especificidades desses sujeitos.

É exatamente por essa possibilidade de estabelecer um diálogo entre os sujeitos autistas e a teoria do *design* sensorial, que se estabelece o ineditismo e relevância desta obra. Vale ressaltar que, atualmente, não há no mercado editorial brasileiro livro semelhante, voltado para o campo da educação.

Nessa perspectiva, pensamos que o diálogo estabelecido entre as autobiografias de Temple Grandin, Donna Williams e Daniel Tammet e os estudos sobre projetos arquitetônicos e *design* ambiental pode lançar luz sobre muitas medidas a serem adotadas pelos gestores e professores

no sentido de minimizar ou dirimir os eventuais problemas advindos da vivência nos espaços escolares.

Além disso, penso que o livro, ao apresentar uma diversidade de propostas e sugestões para adaptar o ambiente físico da escola, pode servir de apoio para terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos, psicólogos e profissionais da área de arquitetura e *design*, no sentido de propor soluções possíveis de tornar o cotidiano escolar mais agradável, seguro e inclusivo para o estudante autista. É, também, uma leitura de interesse de pais e familiares de indivíduos autistas, uma vez que as sugestões para o ambiente escolar também suscitam importantes reflexões sobre os demais ambientes frequentados por esses estudantes.

Dessa forma, sublinhamos que esta obra não pretende ser um manual de como adaptar escolas para autistas. No entanto, desejamos que as reflexões aqui dispostas sejam tomadas como um referencial acerca da construção de espaços escolares que considerem as experiências sensoriais no autismo, ou seja, um referencial sobre o planejamento de espaços físicos capazes de apoiar o desenvolvimento das habilidades desses estudantes e de minimizar os déficits sensoriais.

Finalizo esta breve apresentação expressando o desejo de que o leitor consiga perceber que, embora compartilhem o mesmo mundo físico e lidem com a mesma estrutura material do seu entorno, o mundo perceptivo das pessoas autistas é extraordinariamente diferente do das pessoas não autistas, fazendo-os sentir, por vezes, que nasceram no mundo errado. Essa é a impressão que podemos ter a partir, por exemplo, do depoimento de Daniel Tammet (2007) sobre a sua escola:

Lembro que me sentava sozinho sob a sombra das árvores que pontilhavam o perímetro do pátio de recreio da escola, observando, à distância, as crianças correndo e gritando e brincando. Estou com 10 anos e sei que sou diferente de uma maneira que não consigo expressar ou entender. As crianças são ruidosas e agitadas, colidindo e se empurrando. [...] Não raramente sentia o desejo de sumir. Parecia não me adaptar a nenhum lugar, como se tivesse nascido no mundo errado. (Tammet 2007, p. 67)

O planejamento de espaços com essa natureza não é tarefa fácil, pelo contrário, é uma empreitada complexa, assim como complexo é o autismo, porém é uma tarefa possível, contanto que os atores envolvidos no processo (professores, gestores, arquitetos, *designers*, entre outros) se aproximem da experiência do próprio autista, ouçam sua voz, sensibilizem-se com a sua maneira de ser e estar no ambiente escolar.

INTRODUÇÃO

As últimas décadas foram marcadas por um investimento exponencial na Educação Inclusiva, quer em termos das práticas, quer em termos da reflexão teórica em diferentes domínios do conhecimento. Vários são os debates em que as chamadas “minorias” ou “grupos excluídos” figuram como matéria de pauta. Não é excessivo lembrar que esses grupos minoritários representam uma acentuada parcela da população mundial, o que, por si só, já é razão suficiente para se pensar em uma educação inclusiva.

Com efeito, o tema educação inclusiva tem se tornado uma das prioridades das agendas internacional e nacional, sendo muitas as ações realizadas no sentido de reestruturar a escola para lidar com a questão das diferenças. Em consequência disso, há uma preocupação evidente com a adaptação dos espaços escolares para atender ao grupo de pessoas com deficiência, garantindo-lhes acessibilidade.

No entanto, na medida em que caminhamos rumo a uma educação inclusiva, que garanta o direito de “todos” a uma educação em condições de igualdade, parece ser inconcebível que a preocupação com a adaptação dos espaços escolares se restrinja somente ao grupo de alunos com deficiências física, intelectual ou sensorial, entre outras. Circunscrever ou limitar a discussão sobre adaptação dos espaços escolares apenas para esse grupo é desconsiderar as características que marcam o autismo e as inúmeras particularidades provenientes do seu sistema perceptual, que é extremamente susceptível às influências diretas do ambiente que os cercam.

No tocante à percepção, “um ou vários sistemas sensoriais podem ser afetados de tal modo que as sensações diárias ou são percebidas como insuportavelmente intensas ou não são aparentemente percebidas” (Attwood 2010, p. 350). Nesse contexto, é possível verificar diversos problemas sensoriais que afetam a vida escolar dessas pessoas. Vejamos, abaixo, o depoimento de um autista acerca da sua percepção do ambiente.

Os corredores e as paredes de quase todas as escolas convencionais são um constante tumulto de ecos de sons, luzes fluorescentes (uma peculiar fonte

de pressão visual e auditiva para pessoas no espectro autista), campanhas a tocar, pessoas esbarram umas contra as outras, cheiros de produtos etc. Para qualquer pessoa com hipersensibilidades sensoriais e os problemas típicos do espectro autista o resultado é que, muitas vezes, passamos a maior parte do dia perigosamente no limite de uma sobrecarga sensorial. (Sainsbury 2000, p. 101)

Indubitavelmente, todas essas reações sensoriais podem impedir a compreensão do ambiente e, desta forma, desencadear desconfiança, medo, recusa/rejeição, evitação, respostas bizarras ou agressivas, ritualismo e estereotípias motoras, comunicação imprópria, além de condutas obsessivas, fazendo com que o processo de adaptação às situações seja marcado por muito sofrimento (Giaconi e Rodrigues 2014).

Dessa forma, diante das características que marcam o autismo, entendemos que um ambiente escolar adaptado pode contribuir para promover a aprendizagem de forma significativa. Por outro lado, um ambiente educacional mal planejado pode incapacitar sujeitos com autismo, corroborando para situações de exclusão e desigualdade dentro das instituições de ensino. Entretanto, diante de todo esse cenário, torna-se improvável tratar de ambientes adaptados para autistas sem discussão mais aprofundada acerca das experiências perceptivas desses indivíduos.

Partindo dessa premissa, vem à tona algumas indagações que nos parecem pertinentes sobre esse tema tão essencial na educação inclusiva e que, mais adiante, procuraremos responder. Vejamo-las:

1. Como as pessoas autistas respondem perceptualmente ao ambiente sensorial da escola ou das instituições de ensino?
2. Quais são as diretrizes da *Arquitetura* e do *Design* para a construção de uma escola adaptada às necessidades dos estudantes autistas?

Para conhecer as experiências sensoriais dos autistas, temos a convicção plena de que é necessário, e de suma importância, dar voz aos sujeitos autistas, às suas vivências, no intuito de que eles próprios possam contar-nos as suas histórias. Só assim, teremos condições mais seguras para desvelar, na integralidade, todos (ou quase todos) os aspectos que envolvem a relação daqueles indivíduos com o ambiente à sua volta, sobretudo, o escolar.

Destarte, essas autobiografias devem ser consideradas como estratégias bastante promissoras e favoráveis às instituições de ensino para que se adaptem adequadamente para receber os estudantes. Na realidade, esse procedimento estratégico, além de descrever, analisar e compreender as experiências sensoriais dos autistas em relação ao ambiente escolar, pode, de certa forma, romper com as relações de poder que, eventualmente, silenciam ou interdita essas pessoas. Sobre isso e em consonância com Bialer (2015) acreditamos que:

O saber dos autistas pode potencializar a circulação dos discursos na escola, desmontando relações cristalizadas e viabilizando o surgimento de inovações transformadoras das práticas escolares. Essa inclusão escolar, ancorada na justaposição de vozes, de saberes advindos das diferenças tem um potencial de abertura renovador, pois esse hibridismo alicerça a possibilidade da potencialização de inovações produtoras de novas relações com a educação, assim como com todas as outras práticas sociais e culturais. (Bialer 2015, p. 490)

À luz dessas considerações preliminares, visamos, neste livro, empreender algumas análises de autobiografias escritas por pessoas autistas. Nosso propósito fundamental é descrever as possíveis experiências sensoriais dos autistas, apresentando o modo com que esses sujeitos se relacionam com o ambiente, especialmente a sala de aula, observando as suas respostas emocionais, comportamentais e educacionais vivenciadas.

Para tanto, três autobiografias foram selecionadas: a primeira intitulada “Uma menina estranha” (1999, Editora Companhia das Letras) escrita por Temple Grandin, em colaboração com Margaret M. Scariano, mãe da autora; a segunda, intitulada “Meu mundo misterioso” (2012, Editora Thesaurus), de autoria de Donna Williams; e a terceira, de Daniel Tammet, com o texto “Nascido em um dia azul” (2007, Editora Intrínseca).

Nossa escolha fundamenta-se sobretudo naquilo que as três narrativas têm em comum, sobre a forma com que Temple Grandin, Donna Williams e Daniel Tammet experenciam seus ambientes escolares em termos sensoriais. A partir das análises e de discussões sobre tais vivências, é possível perspectivar de que maneira um projeto arquitetônico de um determinado ambiente impacta diretamente na percepção e recepção (positiva ou negativa) sensorial, comportamental e educacional de um(a) estudante autista.

Entretanto, não nos interessa apenas analisar e descrever as experiências sensoriais dos autistas a partir dos relatos autobiográficos, mas, sobretudo, queremos confrontar esses dados com estudos e pesquisas a respeito do *design sensorial*. Nessa perspectiva, realizamos uma revisão teórico-crítica de literaturas nacionais e internacionais sobre as diretrizes fundamentais para a construção de escolas ou ambientes educacionais com o fim de atender as especificidades e necessidades do estudante autista.

Com efeito, pensamos que este livro pode apontar caminhos no sentido de promover adaptações dos ambientes escolares para autistas. Desse modo, poderemos, de alguma maneira, contribuir para melhorar a qualidade de vida desses estudantes e, sobretudo, propor soluções que tornem o dia a dia na escola mais suportável, agradável e seguro, garantindo-lhes apoio para lidar com o caos vivido em diferentes situações.

Partindo desses pressupostos, organizamos esta obra em dois capítulos. No primeiro capítulo, inicialmente, apresentamos a teoria de Bogdashina (2003[2016]) acerca das experiências sensoriais dos autista, destacando os diferentes estilos perceptuais apresentados por esses indivíduos, como hipersensibilidade, hiposensibilidade, percepção *gestalt*, percepção fragmentada, percepção atrasada, distorcida e desligamento do sistema. Em seguida, evidenciamos a teoria do *Design Sensorial* (The Sensory Design Theory), proposta por Mostafa (2008, 2014), e a abordagem neurotípica, sugerida por Henry (2011).

No segundo capítulo, estabelecemos primeiramente algumas considerações sobre as diretrizes metodológicas do trabalho. Em sequência, apresentamos a análise empreendida, que consiste no diálogo entre as narrativas autobiográficas dos autistas acerca da sua relação com o ambiente escolar e as propostas ou diretrizes identificadas nas pesquisas sobre *design* de ambientes escolares para estudantes autistas. Por último, chegamos à conclusão, elaborando uma breve síntese dos principais achados analíticos.